

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Mateus Leite Rossato

**A REPORTAGEM RADIOFÔNICA EM UMA TRANSMISSÃO AO
VIVO DE FUTEBOL AMERICANO**

Santa Maria, RS
2018

Mateus Leite Rossato

**A REPORTAGEM RADIOFÔNICA EM UMA TRANSMISSÃO AO VIVO DE
FUTEBOL AMERICANO**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo**.

Orientador: Prof Dr Maicon Elias Kroth

Santa Maria, RS
2018

Mateus Leite Rossato

**A REPORTAGEM RADIOFÔNICA EM UMA TRANSMISSÃO AO VIVO DE
FUTEBOL AMERICANO**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.**

Aprovado em 03 de dezembro de 2018

Maicon Elias Kroth, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Viviane Borelli, Dr. (UFSM)

Norton da Silva Ávila, Jornalista

Santa Maria, RS
2018

RESUMO

A REPORTAGEM RADIOFÔNICA EM UMA TRANSMISSÃO AO VIVO DE FUTEBOL AMERICANO

AUTOR: Mateus Leite Rossato
ORIENTADOR: Prof. Dr. Maicon Elias Kroth

Este Projeto Experimental buscou apresentar as particularidades envolvendo o processo de produção da reportagem em uma partida de futebol americano transmitido no rádio. Foram feitas as descrições das ações dos repórteres de campo em um jogo específico transmitido pelas Rádios Universidade e UniFM: a final do Campeonato Gaúcho de Futebol Americano de 2018, entre o Santa Maria Soldiers e o Porto Alegre Gorillas. Como metodologia, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a fim de organizar um breve conjunto de conceitos tidos como referenciais do ponto de vista teórico e que serviram de embasamento para a execução do projeto experimental. Também reestruturou-se uma espécie de descrição analítica dos processos jornalísticos vislumbrados a partir das tarefas executadas pelo próprio autor do projeto experimental e seus colegas, acadêmicos de Jornalismo, participantes da transmissão radiofônica. Com esse Projeto, foi possível evidenciar algumas diferenças entre a reportagem de um jogo de futebol tradicional e a reportagem de um jogo de futebol americano. Esta, por sua vez, se caracteriza como mais participativa, necessitando de uma maior descrição dos acontecimentos reportados.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo. Radiojornalismo. Futebol Americano.

ABSTRACT

THE RADIOFONAL REPORT IN A LIVE TRANSMISSION OF AMERICAN FOOTBALL

This Experimental Project sought to present itself as particularities in the process of producing the report in a football game broadcast on the radio. Descriptions of the actions of field reporters were made in a specific game broadcast by the University and UniFM Radios: the 2018 Gaúcho Football Championship final between Santa Maria Soldiers and Porto Alegre Gorillas. As a methodology, a bibliographic research was carried out in order to organize a brief set of concepts considered as theoretical references and which served as a basis for the execution of the experimental project. A kind of analytical description of journalistic processes was also restructured from the tasks performed by the author of the experimental project and his journalism colleagues, participants in the radio broadcast. With this Project, it was possible to show some differences between the report of a traditional football game and the report of a football game. This, in turn, is characterized as more participatory, requiring a greater description of the events reported.

Keywords: Sports Journalism. Radiojournalism. American Football.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Glossário do Futebol Americano.....	12
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1. FUTEBOL AMERICANO.....	9
2.1.1 GLOSSÁRIO DO FUTEBOL AMERICANO.....	12
2.2. JORNALISMO ESPORTIVO: DOS FOLHETINS ÀS TELAS DOS SMARTPHONES.....	13
2.3. RADIOMORFOSE.....	16
2.4. PRODUÇÃO RADIOFÔNICA: A REPORTAGEM NO RÁDIO.....	20
2.5. RÁDIO UNIVERSIDADE E UNIFM.....	22
2.5.1. O RADAR ESPORTIVO.....	23
3. A REPORTAGEM RADIOFÔNICA EM JOGOS DE FUTEBOL AMERICANO.....	25
3.1. O PRÉ-JOGO.....	27
3.2. O JOGO.....	30
3.3. O PÓS-JOGO.....	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

1. Introdução

Dentro da Comunicação Social são poucos os estudos envolvendo esportes alternativos. O futebol americano é um caso que exemplifica bem essa falta de atenção para com as atividades esportivas emergentes.

Na Rádio Universidade, desde 11 de setembro de 2014, é veiculado o programa Planeta Oval: uma hora semanal dedicada aos esportes emergentes da bola oval, o rugby e o futebol americano. O programa é produzido pelos acadêmicos de Comunicação Social, componentes do Projeto de Extensão “Radar Esportivo: jornalismo de multiplataforma”.

Derivadas desse projeto nascem, no final de 2015, as transmissões radiofônicas de futebol americano na Rádio Universidade. De lá pra cá, já são mais de vinte transmissões realizadas, não somente em Santa Maria, mas em toda a região Sul do Brasil. Este foi o ponto de partida, a principal motivação deste acadêmico de Jornalismo e mais determinante agente para transformar esse tema em um Projeto Experimental em Jornalismo.

Da equipe que iniciou as transmissões no ano de 2015, apenas este acadêmico participou do projeto até agora. Iniciou-se na função de comentarista com menos de um ano de curso. Depois, passou a trabalhar na função de repórter de campo.

A reportagem no futebol americano segue o modelo já se conhece do futebol bretão¹. Porém, conta com algumas particularidades que merecem destaque. As jogadas precisam ser mais e melhores descritas, para que se tenha uma perfeita noção do que aconteceu em campo, sem falar nas mais de 30 sinalizações diferentes da arbitragem, onde o repórter precisa estar 100% atento.

Diante do cenário acima descrito, o objetivo principal deste projeto experimental é mostrar na prática a intervenção da reportagem de campo radiofônica em uma cobertura ao vivo de uma partida de futebol americano. Para isso, será utilizada uma jornada esportiva feita pelos acadêmicos do Projeto de Extensão do Curso de Jornalismo, o Radar Esportivo. A jornada foi veiculada nas rádios UniFM e Rádio Universidade, ambas emissoras públicas da Universidade Federal de Santa Maria. A jornada foi ao ar no dia 1º de julho de 2018.

O jogo escolhido para a análise foi a final do Campeonato Gaúcho de Futebol

¹ Futebol bretão é uma denominação alternativa do futebol tradicional, neste caso usada para diferenciar o futebol do futebol americano.

Americano de 2018. Essa escolha se deu pela importância da partida, pois trata-se de um jogo decisivo entre duas das equipes de maior prestígio na modalidade no Rio Grande do Sul.

A metodologia para a apresentação do Projeto consiste em uma revisão bibliográfica a fim de organizar um breve conjunto de conceitos tidos como referenciais do ponto de vista teórico e que serviram de embasamento para a execução do Projeto Experimental. Na sequência, foi feita uma descrição analítica de alguns exemplos da ação dos repórteres na transmissão do jogo.

Nos capítulos que seguem abaixo, será apresentado o referencial teórico, que traz conceitos do futebol americano, do jornalismo esportivo, das transformações do rádio e da reportagem. Na sequência, uma breve descrição analítica das ações dos repórteres na transmissão do jogo apresentado.

2. Referencial Teórico

2.1. Futebol Americano

O Futebol Americano é uma modalidade esportiva criada nos Estados Unidos da América. De acordo com Funk (2008), o primeiro jogo de futebol americano que se tem registros aconteceu no ano de 1869, em New Brunswick, Nova Jersey. A partida foi disputada entre a Universidade de Princetown e a Universidade de Rutgers. Na época, o futebol americano ainda se parecia muito com o rugby, atividade esportiva da qual a modalidade deriva, e apesar da falta de regras claras tornando os jogos bastante confusos, o esporte popularizou-se de forma muito rápida, especialmente no meio universitário. Na década de 1880, algumas regras foram revistas e mudanças foram necessárias para que a modalidade se tornasse ainda mais popular e atrativa. Uma das principais mudanças foi a diminuição do número de atletas de cada time. Se antes, 15 jogadores de cada lado disputavam as partidas, a partir desta mudança apenas 11 atletas jogam simultaneamente por cada time, como se configura até hoje. Pontos a partir de chutes ao *goal post* também foram inseridos, já a pontuação do *touchdown* só foi oficializada em 1912, permanecendo até os dias atuais. Substituições ilimitadas também foram adicionadas. Com isso, veio também a criação dos times de ataque e de defesa, que antes eram apenas um.

Como o futebol americano é derivado do rugby, suas principais características foram mantidas. Ambos são esportes coletivos e de “conquista” de territórios. Para pontuar no futebol americano, o atleta precisa carregar ou receber a bola no plano de gol, que fica do outro lado do campo, ou até mesmo chutar a bola por entre o chamado “Y” que fica dentro do plano de gol adversário.

Em 1922 foi criada a National Football League, conhecida mundialmente como NFL, que nada mais era do que o Campeonato Nacional da modalidade nos EUA. Porém, a popularidade do esporte universitário ainda era bem maior, deixando a NFL em segundo plano. No ano de 1936, foi criado o *draft universitário*, um sistema de escolhas de jogadores das universidades americanas pelos times profissionais da NFL, com o objetivo de equilibrar as equipes e também de trazer o glamour do esporte universitário para dentro da grande liga que se formava. O sistema do draft consiste na escolha de um jogador de uma universidade, conforme sua posição na tabela do ano anterior, ou seja, para que se tenha um maior equilíbrio entre as franquias, o último colocado do ano anterior teria a primeira escolha do ano seguinte e assim sucessivamente.

Contudo, algumas controvérsias acerca de quanto a modalidade era saudável para seus praticantes vieram à tona. Ao passar dos anos, o esporte ficou tradicionalmente conhecido por ser de frequente contato, contando às vezes com jogadas bastante ríspidas por parte dos atletas, causando traumas de gravidade elevada, como concussões, fraturas, lesões cerebrais e outras. Com isso, equipamentos de proteção foram adicionados às vestimentas dos atletas, que contam com capacete, shoulder pad (colete que protege os ombros e tronco) e calça com sete protetores embutidos em diferentes partes da perna. Nos dias de hoje, o esporte se difundiu de maneira global, principalmente se falando em NFL. A liga conta com 32 equipes espalhadas pelos quatro cantos dos Estados Unidos, Seu ápice é o Super Bowl², a final do campeonato, que praticamente para a América e o Globo, que é transmitida pela televisão ao mundo todo.

O esporte se difundiu e hoje é praticado no mundo todo. No Brasil não é diferente. A modalidade é praticada em todas as regiões do Brasil. Segundo o portal

² O Super Bowl é o nome dado à final da principal liga de Futebol Americano do mundo, a NFL (National Football League). É disputado desde o ano de 1967, entre os dois primeiros classificados das Conferências Nacional e Americana (NFC e AFC) da Liga. O vencedor da partida se sagra Campeão da NFL.

Salão Oval (www.salaooval.com.br), 169 equipes praticam a modalidade em solo nacional.

No Brasil, os primeiros indícios de futebol americano sendo praticado em nosso território remetem às praias cariocas. No ano de 1986, estudantes começaram a praticar o Beach Football, modalidade adaptada à areia, mas, apenas em 2009, foi disputada a primeira partida com todos os equipamentos de proteção.

O país conta com um órgão que rege a modalidade em território nacional. Trata-se da Confederação Brasileira de Futebol Americano (CBFA), criada em 2013, em substituição a Associação Brasileira de Futebol Americano (AFAB), criada em 2000, que é responsável por organizar, regulamentar e fomentar o esporte no Brasil. A CBFA é reconhecida pela Federação Internacional de Futebol Americano (IFAF) e também a responsável pelas modalidades flag football³ e beach football⁴, e pelas seleções brasileiras de futebol americano. Rogério Pimentel é o atual presidente, à frente da instituição.

A principal liga do Brasil, atualmente, é a Brasil Futebol Americano (BFA), criada em 2017 pelas equipes que disputam a modalidade. A competição equivale à elite do futebol americano nacional e é cancelada pela Confederação Brasileira de Futebol Americano.

Na região, mais precisamente em Santa Maria, também existe futebol americano. Trata-se do Santa Maria Soldiers. A equipe foi fundada no ano de 2009, mas apenas a partir de 2012 conseguiu equipar-se totalmente. Desde então, a equipe coleciona cinco títulos estaduais, nos anos de 2011, 2013, 2016, 2017 e 2018, além do acesso à elite do Futebol Americano nacional em 2016, onde permanece até hoje. Em 2017, a equipe foi vice-campeã da Conferência Sul.

O Santa Maria Soldiers conta com cerca de 60 jogadores em seu plantel atual, comandados pelo treinador Gustavo Petter. Os treinos da equipe são semanais e realizados no Campus da Universidade Federal de Santa Maria, no campo em frente ao Complexo de Piscinas do Centro de Educação Física e Desportos. Apesar de contar com alguns patrocinadores, a equipe não consegue custear todas as despesas, como por exemplo, transporte e alimentação dos atletas, com isso os jogadores precisam pagar do

³ Flag football é uma variação do esporte jogado com contato físico mínimo. Ao invés de tacklear o adversário para interromper uma jogada, só é necessário que se puxe uma bandeira pendurada no uniforme para que o lance seja dado como encerrado.

⁴ Beach football é o futebol americano jogado na areia. Foi a primeira variação do esporte que chegou no Brasil, mais precisamente, nas praias do Rio de Janeiro.

seu próprio bolso para praticarem o futebol americano, que ainda não é profissional no Brasil.

O principal canal de comunicação do Santa Maria Soldiers com a comunidade é a página do Facebook. Porém, a equipe também possui perfil no Instagram, site oficial e página no Twitter, que são de responsabilidade de um profissional de comunicação que presta seus serviços de forma voluntária para a equipe. Nestes canais são divulgados todo o tipo de informações acerca da equipe, como novas contratações, datas e horários de jogos, vídeos das partidas.

A média de público dos jogos de futebol americano em Santa Maria vem ultrapassando as médias do futebol, levando cerca de mil pessoas ao estádio. Esta popularização se reflete também na mídia. Cada vez mais veículos abrem espaços em suas grades para a divulgação da modalidade.

Porém, a modalidade conta com muitas expressões que não fazem parte do cotidiano do público em geral. Isso se dá muito pelo fato de ser um esporte estrangeiro e contar com diversas expressões em língua inglesa.

2.1.1 Glossário do Futebol Americano

Quadro 1 – Glossário do Futebol Americano

Endzone	É a área final de 10 jardas do campo que é protegida pelas defesas. É nela que os times anotam os touchdowns.
Field goal	Chute que vale três pontos quando o jogador faz a bola passar por entre as traves amarelas em forma de "Y" no fim do campo.
First down	Objetivo do time em termos de conquista do território, normalmente estabelecido 10 jardas à frente da linha de scrimmage.
Flag	Espécie de pano amarelo lançado pelos árbitros da partida toda vez que ocorre uma falta no campo de jogo.
Fumble	Quando o jogador que tem posse da bola solta a mesma antes de a jogada ser interrompida pelos juízes.
Jarda	Medida de distância adotada para o campo de futebol americano. Uma jarda equivale a 0,914 metros.
Kickoff	Chute dado para iniciar ou reiniciar o jogo, no começo do 1º e do 3º quartos e após um field goal ou touchdown.
Linha de Scrimage	Linha imaginária da jarda em que acontece o snap da bola. É o ponto inicial da jogada da onde se mede a distância necessária para conquistar o First Down.
Punt	Chute utilizado para devolver a bola ao adversário quando não se converte o first down.
Snap	Ação de colocar a bola em jogo no início de cada jogada. Consiste em uma espécie de lançamento por debaixo das pernas do atleta que realiza a jogada.
Tackle	Quando um atleta dá uma pancada no adversário para tentar parar o avanço.
Touchdown	É a principal pontuação do jogo. Quando um atleta mantém a posse da bola dentro da endzone defendida pelo adversário. Um

	touchdown vale 6 pontos e concede ao time que anotou o direito de chutar a bola entre as traves para ganhar 1 ponto extra ou entrar de novo na endzone para anotar 2 pontos extras.
--	---

Fonte: autor

Por muitas vezes, para facilitar o entendimento de um número maior de pessoas, algumas destas expressões são traduzidas ao serem retratadas na mídia. Por exemplo, a expressão “first down” é comumente substituída por sua tradução literal, primeira descida.

2.2.Jornalismo Esportivo: dos folhetins às telas dos smartphones

O Jornalismo Esportivo, ao longo do tempo, teve que lidar com diversas situações desfavoráveis. No seu princípio, a história dessa editoria se mistura muito com a história do futebol em nosso país. Foram muitas desconfianças e incertezas. A maioria esmagadora dos grandes pensadores da época não acreditava que o esporte dos ingleses que chutavam uma bola teria o poder de cativar a nação. Uma dessas personalidades que palpitou erroneamente foi Graciliano Ramos, autor de *Vidas Secas*. “Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho.” E, no início, era assim mesmo. Até o surgimento da revista *Placar*, nos anos 60, poucos eram os periódicos que reservavam páginas para o esporte.

Porém, alguns veículos de comunicação foram na contramão dos demais e cediam espaço à divulgação de iniciativas esportivas em solo brasileiro. Um dos primeiros relatos de que se tem conhecimento é do jornal *Fanfulla*, na década de 1910, em São Paulo. O jornal atingia um público considerável na época, os italianos. Foi assim que nasceu o *Palestra Itália*, atual *Palmeiras*. O jornalista Paulo Vinícius Coelho destaca a importância da *Fanfulla* até hoje.

A *Fanfulla* é até hoje a grande fonte de consulta dos arquivos do *Palmeiras* sobre as primeiras décadas do futebol brasileiro. O jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte ainda não cativava multidões. (COELHO, 2003, p.8).

Entretanto, foi no Rio de Janeiro que o esporte começou a se tornar a paixão nacional. No ano de 1931 nasce o *Jornal dos Sports* na capital fluminense. Foi o primeiro jornal diário a falar estritamente de esportes. A partir dessa década, outros periódicos foram nascendo, como por exemplo: *Gazeta Esportiva*, *Revista do Esporte*, *Caderno de Esportes*, entre outros.

Tratar de esportes sempre foi um desafio para os jornalistas. Cada esporte tem suas particularidades, suas gírias e suas definições próprias. E no Jornalismo atual, cada vez mais o profissional precisa ser completo e fazer “um pouco de tudo”, dificultando a criação e manutenção de um profissional apenas e uma determinada área. Coelho retrata que

Quem for louco por vôlei, por basquete, que tiver paixão por tênis e sonhar em ser especialista no esporte de que gosta. Não, tal possibilidade não está excluída. Mas, se já dá trabalho conquistar reconhecimento na profissão trabalhando com futebol, é muito mais feroz a luta para chegar ao topo com outro esporte. (COELHO, 2003, p.36).

O mercado é duro, e por muitas vezes, não permite que jornalistas se aperfeiçoem em um determinado esporte, pois esses profissionais acabam por terem de abarcar uma gama maior de modalidades. Fato que culmina no aparecimento de ex-atletas como comentaristas pontuais em competições transmitidas. Coelho reforça que

O que vale dizer é que não há jornalistas de basquete, de vôlei, de atletismo, de judô, etc. Isso explica o aparecimento de atletas como comentaristas sempre que é preciso aprofundar-se em grande competição. O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. (COELHO, 2003, p.38).

Outra discussão bastante válida é a de precisar ou não ser um amante dos esportes para ser um jornalista esportivo. Precisamos atentar que o esporte dentro de um veículo, é apenas mais uma editoria, que precisa de apuração e checagem assim como uma matéria policial, por exemplo. É o que retrata Coelho.

As noções técnicas da profissão dão aval a quem quiser trabalhar em qualquer área. É preciso mais esforço. [...] É preciso ter cuidado jornalístico redobrado. Mas os princípios da profissão valem tanto para quem tem quanto para quem não tem paixão pelo jornalismo. (COELHO, 2003, p.45).

Não podemos deixar de falar da relação do jornalismo esportivo com o surgimento da internet. Se, nos periódicos de papel, o esporte não tinha tanto espaço, na internet o espaço é praticamente ilimitado. No início dos anos 2000, muitos jornalistas deixaram as redações tradicionais para embarcarem em projetos inovadores na internet.

O primeiro portal de esportes no Brasil foi o Lancenet.com.br, em 1997. A partir daí, o jornalismo esportivo encontrava uma nova plataforma para suas publicações, com diversos recursos e formas de fazer comunicação. Se nos primórdios das transmissões, os torcedores levavam seus radinhos para acompanhar as narrações, hoje o smartphone

traz além da tradicional transmissão do rádio, diversas funcionalidades em aplicativos e portais especializados, contando com uma infinidade de produtos a serem consumidos pelo amante do esporte.

O jornalismo esportivo, muitas vezes, é denominado como um entretenimento, tirando seu real valor perante a sociedade. Essa denominação se dá muito pelo fato de o jornalismo esportivo se deter em divulgações factuais de jogos e campeonatos, ou então mistificando personagens, como esportistas e treinadores. MESSA defende que o jornalismo esportivo pode ser mais.

O jornalismo esportivo pode não ser só isso que se percebe na atualidade. Ele pode assumir outras configurações, com base em propostas editoriais mais alternativas e arrojadas, que não sejam exatamente factuais e muito menos mitificadoras de determinados assuntos, sujeitos e contextos (MESSA, 2005, p.1-2).

Um dos maiores responsáveis pela crescente na difusão do esporte na mídia é o rádio. Foi através deste que as primeiras transmissões ao vivo aconteceram, sempre carregadas de muito entusiasmo e emoção, fazendo com que as pessoas tomassem gosto por aquele espetáculo.

Ao falarmos de radiojornalismo esportivo no Brasil, remetemos automaticamente ao futebol. Foi esta modalidade que alavancou a difusão do esporte entre os meios de comunicação por meio das transmissões dos jogos ao vivo.

As primeiras transmissões esportivas datam do início da década de 1930, com o primeiro jogo sendo narrado por Nicolau Tuma. Já na década de 1940, a Rádio Nacional apostou no esporte no rádio, criando o programa “No Mundo da Bola”, apresentado por Antônio Cordeiro.

Porém, a monocultura do futebol (MALULY, 2009) retratada na maioria dos veículos de mídia, seja mídia impressa, sonora ou audiovisual, pode ser muito prejudicial ao jornalismo. Os mesmos temas são trazidos e debatidos diversas vezes no mesmo dia e até são reprisados nos dias subsequentes. Isso faz com que o público seja obrigado a consumir notícia de um único esporte.

O consumidor que deseja estar a par do que acontece em outras modalidades esportivas, precisa recorrer à mídia especializada. Estes veículos são poucos e ainda não compreendem muitos esportes.

Uma saída possível para o jornalismo esportivo é, gradativamente, trazer outras modalidades para as discussões diárias. Afinal, nem toda a população tem acesso aos canais pagos ou mídias que se especializam em determinados esportes.

Atualmente, com o advento das novas tecnologias, tem-se o acesso à informação de forma muito mais facilitada com os smartphones e tablets. Conforme Ferraretto (2000) se configura um novo modo de transmissão. Além de melhorias na qualidade do áudio, essas novas plataformas aproximam o consumidor de conteúdo das informações difundidas na rede.

2.3. A Radiomorfose

Em 1887, um físico alemão chamado Heinrich Rudolf Hertz criou a primeira ferramenta capaz de emitir e receber ondas sonoras. E desde lá, diversas melhorias e atualizações foram feitas para que pudéssemos ter o que chamamos hoje de rádio. Os primeiros usos desse aparelho foram para comunicações com fins militares. Foi muito utilizado durante a Primeira Guerra Mundial, após passar por diversos testes, porém a comunicação radiofônica com fins civis só se deu no ano de 1918.

Desde os seus primórdios, o rádio precisou afirmar-se, mostrar para o mundo que a comunicação radiofônica era sim uma opção viável de propagação de informações. Por muitas vezes, foram necessárias adaptações, muito pelo fato do surgimento de outras formas de mídia, como a própria televisão, que prometia acabar com a utilidade do rádio.

Mas, atualmente, o que prometia acabar com o rádio de vez era a internet. Porém, novamente adaptações foram feitas e a plataforma ganhou força, seja em forma de webrádios, na figura dos podcasts ou até por meio das assinaturas de TV. Essa comunicação plural é explicada por Ferrareto:

Escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas, desde a década passada, o veículo também se amalgama à TV por assinatura, seja por cabo ou DTH (direct to home); ao satélite, em uma modalidade paga exclusivamente dedicada ao áudio ou em outra, gratuita, pela captação, via Antena parabólica, de sinais sem codificação de cadeias de emisoras em AM ou FM; e a internet, onde aparece como rede mundial de computadores ora substituindo a função das emissões em ondas curtas, ora favorecendo oportunidade para o surgimento das chamadas webrádios ou, até mesmo, servindo de suporte a alternativas sonoras assíncronas como o podcasting. (FERRARETTO, 2007, p. 2).

No Brasil, a primeira transmissão radiofônica se deu no dia 7 de Setembro de 1922, em razão das comemorações do Centenário da Independência do Brasil, e o primeiro “produto” a ser veiculado foi o discurso do então presidente, Epitácio Pessoa. No ano seguinte, Roquette Pinto, um médico que pesquisava a radioeletricidade para

fins fisiológicos, entusiasmado com a transmissão, convenceu a Academia Brasileira de Ciências a patrocinar a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira rádio do Brasil.

O rádio, nos dias atuais, vem se mostrando cada vez mais forte, indo contra os que pregavam que a televisão chegaria para anunciar o fim da era radiofônica. “Quando se pensa que não há mais sobrevida para o veículo, ele ressurgue das próprias tecnologias que poderiam sufocá-lo enquanto veículo de comunicação” (NEUBERGER, 2012). Esse fim nunca chegou, e o que vemos é que o rádio, muitas vezes, se fortalece por intermédio das mídias que sacramentariam seu fim, como a televisão e a internet.

A internet está se mostrando como um importante aliado do rádio. Na web, as diferentes formas de mídia conversam, se tornando mais próximas, convergindo entre si. Não podemos esquecer também do papel do espectador que passa a participar ainda mais do processo. Além disso, muitos veículos de comunicação estão se fazendo valer dessa ferramenta para expandirem sua veiculação via redes sociais (KISCHINHEVSKY, 2007), inclusive misturando a produção radiofônica tradicional com audiovisuais, algo que se pode vislumbrar por meio do conceito de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2011). São as chamadas *lives*. Essas *lives* permitem que o ouvinte deixe de ter o rádio como apenas um companheiro, ele passa a ser parte daquele produto.

Essa facilidade trazida pelo advento da internet, fez com que os veículos que produzem informação estivessem à disposição dos consumidores a qualquer momento e em qualquer lugar do mundo, já que dispositivos como *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, entre outros, possuem fácil acesso à rede. Jenkins explica que

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. (JENKINS, 2008, p. 41).

Essa nova realidade fez com que as emissoras tradicionais se vissem na obrigação de adaptarem-se a esse novo ouvinte, que agora é também internauta. Hoje em dia, as rádios continuam transmitindo sua programação pela forma tradicional, por Frequência Modulada (FM), mas também estão disponíveis na rede, por meio de seus sites ou em aplicativos para celulares e *tablets*.

Esse rádio com maior participação do ouvinte-internauta por meio das redes se caracteriza como hipermediático. Para Lopez

O rádio não fala para um ouvinte passivo, mas para alguém que deseja participar, contribuir – mais do que o fazia até então. O ouvinte – agora também ouvinte-internauta – busca outras fontes de informação, cruza, contesta, discute, corrige, atualiza, conversa com o jornalista que está no ar. Mais que nunca, o ouvinte participa. Esta participação é gerada por novas ferramentas, por estratégias conversacionais síncronas, que se fazem presentes no dia-a-dia do comunicador e de seu ouvinte (LOPEZ, 2009).

Com isso, o ouvinte se torna cada vez mais participativo do processo. Se antes o ouvinte endeusava um comunicador que era muito distante de uma possível interação, atualmente, esse contato é facilitado por meio da internet e das redes sociais. Com essa interação mais próxima, o ouvinte-internauta se sente muito mais valorizado e pode se fidelizar a esse veículo.

Um exemplo dessa interação é o portal integrado da Rádio Gaúcha com o jornal Zero Hora. Além da produção de conteúdo para sua plataforma digital, o GaúchaZH também se aproveita das redes sociais. Diversos programas, como Gaúcha+, Timeline, entre outros, são transmitidos ao vivo em vídeo em seu site e também na sua página do Facebook. Essas transmissões corroboram para que os ouvintes passem a ser também participantes dessa ação. Os espectadores podem mandar sugestões de pauta, fazer comentários sobre o programa, participar de enquetes, entre outras ações.

As plataformas de interação social na internet, como por exemplo as redes sociais, são muito importantes para, além das interações entre ouvintes e veículo, estabelecer essa mídia no imaginário das pessoas e dar maior visibilidade a ela, alcançando outros públicos.

Portanto, o jornalista conta com novas ferramentas para seu uso diário. Mas por outro lado, recebe novas atividades a serem realizadas, novas demandas. O velho locutor que só se sentava a frente de seu microfone e conduzia o radiojornal não tem mais espaço. Lopez (2009) afirma que, atualmente, o rádio é multimídia e multiplataforma, e o jornalista que não acompanhar essa maré, perderá seu espaço no mercado. Para Abreu

As alternativas, idealizadas para facilitar a captação e transmissão de informações, podem muitas vezes transformar-se numa faca de dois gumes para os repórteres. Alguns não conseguem distinguir entre a vantagem dos recursos tecnológicos, que encurtam o tempo despendido entre a apuração e a veiculação da notícia, e a função básica do radiojornalismo, que é informar bem e com segurança, independentemente dos recursos tecnológicos disponíveis (ABREU, 2003, p. 02).

Outro caminho que esse novo rádio traça, pode também se caracterizar como um novo modo de se consumir rádio. Esse consumo agora pode se dar sob demanda,

conforme a necessidade e o gosto do ouvinte, que tem a possibilidade de escolher o que quer ouvir, sem ficar refém da programação que chega por meio das ondas hertzianas.

O podcast (LOPEZ, 2009), traz diversas facilidades ao ouvinte. Uma delas é a possibilidade que o radio-internauta tem de acessar o conteúdo quando quiser, assim fidelizando o ouvinte. Com o podcast, o ouvinte tem a possibilidade de baixar o conteúdo e armazenar em seu dispositivo, assim podendo ter acesso ao produto em qualquer lugar do mundo, mesmo aqueles menos favorecidos geograficamente, sem acesso as ondas hertzianas e sem acesso à rede mundial de computadores.

Apesar de toda essa facilidade de acesso a conteúdos de áudio em plataformas como o Spotify, por exemplo, as rádios AM/FM ainda são esmagadoramente superiores em audiência quando se refere a consumo de áudio. Conforme pesquisa trazida em seu site pela ZYDigital⁵ as rádios AM/FM ainda correspondem a 50% do tempo despendido consumindo áudio, enquanto que plataformas de streaming de áudio representam apenas 16%.

Apesar de a transmissão via Frequência Modulada (FM) já existir desde a década de 50, muitas rádio ainda transmitem sua programação via AM (Modulação em Amplitude). Porém, buscando uma melhor qualidade de áudio para as emissoras, está em andamento o processo de migração dessas rádios para o FM, já que a Frequência Modulada apesar de não alcançar as mesmas distâncias que o AM, a qualidade do áudio emitido é muito superior.

No dia 25 de fevereiro de 2016, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) anunciou o início da migração do primeiro lote de rádios que transmite através de Modulação em Amplitude (AM) para Frequência Modulada (FM). Estima-se que o processo todo ainda leve um tempo para se consolidar na sua totalidade. Até o momento, segundo o ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, Gilberto Kassab, mais de 1,6 mil rádios solicitaram a mudança, e 1,1 mil já concluíram a migração⁶.

Na busca por uma melhor qualidade na transmissão, o modelo de rádio digital tem sido testado, mas ainda sem uma definição sobre o padrão a ser utilizado. Outra

⁵ Publicada no dia 07 de Junho de 2018, disponível em: <http://zydigital.com.br/radar/programacao-do-radio-amfm-responde-por-50-de-todo-o-consumo-de-conteudo-de-audio/>

⁶ Publicado dia 22 de Agosto de 2018. Disponível em: http://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/salaImprensa/noticias/arquivos/2018/08/MCTIC_anuncia_reduc_ao_do_prazo_para_analise_de_concessao_e_renovacao_das_retransmissoras.html

vertente radiofônica que surge com as novas tecnologias são as webrádios, que transmitem informação via streaming, modelo este já mais consolidado no cenário atual e mais fácil de ser acessado em função da convergência das mídias e os aparelhos móveis que as englobam.

Apesar das diversas mudanças ao longo dos tempos, algumas práticas se perpetuam. O modo de se organizar e produzir reportagem no rádio são exemplos pertinentes.

2.4. Produção radiofônica: a reportagem no rádio

Uma das formas mais utilizadas para se transmitir uma informação é a reportagem, seja ela no rádio, impressa, online, em formato de audiovisual ou de qualquer outra natureza possível. A reportagem, em momento algum, pode se distanciar da figura do repórter, o ator da ação. O repórter é responsável por mostrar a todos, por seus olhos e ouvidos, a sua versão dos fatos. Nilson Lage retrata que

Se perguntarmos às pessoas em geral que figura humana é a mais característica do jornalismo, a maioria responderá, sem dúvida: o repórter. Se interrogarmos um jornalista sobre quem é mais importante na redação, ele – excetuado caso de algum projetista gráfico ou editor egocêntricos – dirá que é o repórter (LAGE, 2011, p. 3).

A reportagem precisa alcançar onde o leitor, ouvinte ou espectador não alcança. O repórter é os ouvidos e os olhos remotos do seu público (LAGE, 2011). Desta forma, a responsabilidade que o repórter carrega é imensa. Cabe a ele ter a idoneidade de transmitir a maior quantidade de verdade possível em sua produção, já que a confiança do público foi despejada sobre seus ombros.

No rádio, a reportagem pode remeter a atividades distintas. Existe a reportagem mais simples, que consiste na apuração de notícias pelo repórter diretamente do palco dos acontecimentos, informando, de preferência ao vivo, sem a participação de entrevistados (FERRARETTO, 2014). Em alguns momentos essa atividade pode ser chamada também de boletim do repórter. Podemos dizer que essa é a forma mais rápida e ágil de se passar uma informação ao ouvinte, pois necessita apenas de que o repórter transmita o que está vendo, sem ser necessária qualquer edição ou tratamento de material.

Porém, essa prática pode tangenciar o campo do jornalismo opinativo, pois carrega uma quantidade grande de impressões pessoais de que a realiza. Ou seja, as experiências prévias do repórter podem ser cruciais na interpretação desse profissional no momento da fala dele.

Já a reportagem tradicional, que é mais conhecida, tem sua estrutura composta por elementos básicos – cabeça, ilustração ou sonora, encerramento e assinatura – que devem convergir entre si de forma harmoniosa para que a mensagem possa ser transmitida. (FERRARETTO, 2014). Em programas de notícias, esses materiais podem conter manchetes para serem anunciados pelos apresentadores como uma espécie de chamada de atenção ao ouvinte.

Para que uma reportagem seja de boa qualidade, o essencial é uma boa apuração. Ferraretto nos mostra várias formas de se obter essa apuração. A mais conhecida é a observação direta, onde o repórter vai até o sítio do acontecimento e tem a oportunidade de visualizar o local do acontecimento e a ação em si, podendo fazer uma descrição mais detalhada e com mais elementos sobre o fato. Com o ritmo acelerado de nossas rotinas, nem sempre é possível nos deslocarmos até o acontecimento. Nesse caso, se utiliza para a apuração da notícia, a coleta de informações. Essa coleta consiste em buscar informações com assessorias, testemunhas, e por que não, protagonistas do acontecimento.

Outra forma de angariarmos informações importantes para a construção de uma reportagem é por meio do levantamento de dados. Em certas pautas, dados são extremamente necessários para a formulação de um bom texto. Sejam eles dados oficiais, dados de pesquisas, etc. Se mesmo após todas essas alternativas de apuração terem se esgotado a matéria ainda não estiver completa, existe o despistamento.

O despistamento consiste na obtenção de informações as quais as fontes gostariam de mantê-las em segredo. Porém, o repórter precisa tomar cuidado, pois essa prática precisa atender a princípios éticos, que são de suma importância no campo jornalístico. Mas, por exemplo, nada impede o repórter de acompanhar uma conversa entre duas pessoas sem que os sujeitos saibam que ali se trata de um profissional do jornalismo. É de ações como essa que surgem os furos de reportagem.

No nosso estudo, que analisa a reportagem de campo radiofônica, a forma utilizada é a reportagem simultânea. Neste tipo específico de reportagem, o repórter está presente no local dos fatos e passa sua mensagem à medida que os acontecimentos se sucedem. Para Bespalhok,

A reportagem simultânea é o vivo em quarto grau, quando o acontecimento, a produção do texto, a narração e a recepção ocorrem ao mesmo tempo. À medida que o fato vai se desenvolvendo a reportagem vai sendo construída, com o fio condutor da narrativa baseado no eixo da ação. Diante de vários eventos ocorrendo simultaneamente, o jornalista precisa selecionar, rapidamente, o que será o foco de sua atenção, e consequente narração, a cada momento (BESPALHOK, 2016, p. 6).

Com isso, é de responsabilidade do repórter avaliar quais ações merecem atenção dentre todos os eventos que ocorrem de forma simultânea. Em um jogo de futebol americano, por exemplo, o repórter precisa estar atento a diversos acontecimentos ao mesmo tempo. Enquanto a jogada acontece dentro do campo, várias ações como atendimentos, orientações, movimentações curiosas, transcorrem fora dele, e nada pode passar despercebido aos olhos do jornalista.

Porém, antes, é necessário apresentar um breve cenário das rádios públicas de Santa Maria. Mais precisamente, das emissoras pelas quais as Jornadas Esportivas do Radar são transmitidas.

2.4. Rádio Universidade e UniFM

A Rádio Universidade 800 AM é uma emissora pública de rádio, pertencente à Universidade Federal de Santa Maria. Seu atual chefe é o radialista Roberto Montagner. Na chefia da Coordenadoria de Comunicação Social está Maria Eugênia Mariano da Rocha Barichello. A emissora conta com variada programação, que vai de programas jornalísticos, programas de variedades até coberturas de eventos e programas musicais.

Uma das principais funções da rádio é a de laboratório para alunos do curso de Comunicação Social – Jornalismo da instituição, que aprendem na prática os conceitos fundamentados em sala de aula, podendo estar à frente de um microfone, ao vivo, e demonstrar seus conhecimentos adquiridos.

Fora o Radar Esportivo, outros programas produzidos e apresentados por acadêmicos do curso de Comunicação Social da UFSM fazem parte da programação do Núcleo de Rádios da UFSM. Podemos citar como exemplo, o Programa Gritos do Silêncio, um programa semanal que fala sobre as minorias sociais. Outros dois exemplos que podemos citar são o Jukebox, programa semanal que traz a música alternativa como seu principal assunto, e o PopTune, que conforme o nome já diz, traz toda semana as novidades e curiosidades acerca do mundo pop.

Além dos alunos do curso de Comunicação Social da UFSM, outros cursos aproveitam o espaço da Rádio para divulgar e difundir suas produções. Um dos

principais casos é o AfroOriente, programa apresentado pelos acadêmicos do curso de Relações Internacionais da UFSM, que aborda os assuntos referentes aos países da África e do Oriente Médio.

A Rádio Universidade 800 AM faz parte da Coordenadoria de Comunicação Social da UFSM, que conta também com a TV Campus, a Agência de Notícias, e mais recentemente, com a UniFM 107,9.

A UniFM 107,9 é o mais novo canal da UFSM para com sua comunidade. Como o seu nome já revela, a rádio conta com a frequência modulada (FM), sendo possível a sua sintonização em diversos dispositivos, como celulares, smartphones e também em aparelhos de som de automóveis.

A “caçulinha” do rádio de Santa Maria, como é conhecida, iniciou suas atividades em 28 de novembro de 2017 e desde então permanece no ar contemplando tanto o público acadêmico quanto a comunidade santa-mariense em geral. A programação da UniFM conta com programas musicais e programas jornalísticos balanceados ao longo do dia, gerando um equilíbrio e alcançando todos gostos do público.

O destaque vai para o matinal Bom Dia Universidade, que vai ao ar de segunda a sexta, das 7 horas da manhã às 9 horas da manhã. No programa são destacadas as primeiras notícias do dia, ideal para se ouvir no trajeto do centro de Santa Maria até o campus da UFSM. Além das notícias, o programa conta com boletins de trânsito e previsão do tempo em parceria com o Grupo de Modelagem Atmosférica da UFSM (GruMA-UFSM).

As emissoras públicas da Universidade Federal de Santa Maria reservam um espaço também para a difusão do esporte. Quem é responsável por isso é o Projeto de Extensão do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, Radar Esportivo.

2.4.1. Radar Esportivo

O Radar Esportivo – Jornalismo de Multiplataformas é um projeto de extensão do curso de Comunicação Social da UFSM, com orientação da Prof. Viviane Borelli. Fazem parte do projeto os seguintes programas: Radar Esportivo, Radar na Rodada e Planeta Oval.

Em seu início, ainda como apenas um programa de rádio, na década de 1980, o Radar Esportivo era produzido e apresentado por dois professores do curso de Educação

Física: Cyro Knackfuss e Sérgio Carvalho. Posteriormente foi produzido e apresentado por servidores funcionários da Rádio Universidade. Passaram pelos microfones do Radar como o jornalista e professor universitário Gilson Piber da Silva⁷ e o jornalista Cândido Otto da Luz⁸. Quadros especiais fizeram parte da história do programa, como “A Regra do Jogo”, com a participação do ex-árbitro de futebol, Síndio Machado as Silva⁹; o quadro “Histórias do Futebol”, com a participação do pesquisador Sérgio Cláudio Engel¹⁰ e, ainda, o quadro “Fórmula UNI”, com a participação de Renato Molina¹¹.

O projeto visa à promoção e o desenvolvimento do esporte local e regional, bem como dar visibilidade a modalidades pouco conhecidas. O projeto tem se consolidado como um laboratório para a prática de alunos de Comunicação, pois abrange todas as ações produtivas jornalísticas - pauta, apuração, produção, redação, edição, locução e apresentação.

Na sua fórmula atual, o projeto é feito apenas por acadêmicos dos Cursos de Comunicação Social da UFSM. Fazem parte do projeto atualmente os acadêmicos de Jornalismo, Janaína Wille, Rafael Favero, Rubens Guilherme Santos, Jonas Faria, Jonatan Mombach, Luã Santos, Gabriel de David, Wederlei Pires e Juan Grings, o acadêmico de Publicidade e Propaganda, Dreyfus Gomes e a acadêmica de Produção Editorial, Karoline dos Santos.

O programa que dá nome ao projeto, o Radar Esportivo, vai ao todo sábado pela Rádio Universidade e UniFM, das 11 horas manhã até à 1 hora da tarde. Como é conhecido, a “Revista Radiofônica Semanal”, traz diversas produções jornalísticas envolvendo o esporte em âmbito municipal, regional, estadual, nacional e mundial.

O programa conta, geralmente, com duas entrevistas, presenciais ou por telefone, mas sempre ao vivo, uma reportagem, um comentário, o quadro Jogos

⁷ Gilson Piber da Silva é Doutor em Ciências da Comunicação, área de Concentração em Processos Midiáticos, linha de Pesquisa Midiatização e Processos Sociais, pelo PPGCom da UNISINOS (RS). Jornalista concursado da Coordenadoria de Comunicação Social da UFSM, com lotação na Rádio Universidade, e professor do curso de Jornalismo, da Universidade Franciscana (UFN - RS), nas áreas de rádio e jornalismo esportivo.

⁸ Cândido Otto da Luz é jornalista concursado da Coordenadoria de Comunicação Social da UFSM, com lotação na Rádio Universidade.

⁹ Síndio Machado da Silva foi um ex árbitro da Federação Gaúcha de Futebol, falecido em julho de 2014.

¹⁰ Sérgio Cláudio Engel é um veterinário e pesquisador da história do futebol, residente em Cachoeira do Sul.

¹¹ Renato Leonardo Bezerra Molina é ex sonoplasta do núcleo de rádios da UFSM e amante do automobilismo.

Históricos, o Momento Planeta Oval e os tradicionais informes do Inter-SM e Dupla Grenal.

Outro programa que faz parte do projeto é o Radar na Rodada, que vai ao ar toda quarta-feira, das 17:05 às 18:00. Esse é um programa mais descontraído, geralmente feito por quatro a seis acadêmicos, que informa e debate todos os assuntos referentes ao futebol na semana. É do gênero mesa-redonda (BARBOSA FILHO, 2003).

O caçulinha do projeto é o Planeta Oval. O programa vai ao ar toda quinta-feira, das 17:05 às 18:00. O programa é um apanhado geral acerca do mundo da bola oval e seus esportes emergentes: o rugby e o futebol americano. O programa é ainda mais descontraído, geralmente apresentado por três acadêmicos. Também se encaixa no gênero mesa-redonda (BARBOSA FILHO, 2003).

Da ideia do Planeta Oval surge a vontade de expandir ainda mais o projeto. Por que não transmitir jogos de futebol americano no rádio? Assim nascem as transmissões radiofônicas de futebol americano nas emissoras públicas da Universidade Federal de Santa Maria. É sobre isso que este projeto experimental tratará daqui em diante.

3. A reportagem radiofônica em jogos de Futebol Americano

Algumas gerações anteriores de acadêmicos de Comunicação Social que passaram pelo Radar Esportivo realizavam transmissões radiofônicas de jogos de futebol, envolvendo os clubes de futebol da cidade, mais especificamente o Riograndense e o Internacional. Porém, fazia alguns anos que as transmissões não aconteciam mais por diversos motivos, um deles a falta de apoio da Coordenadoria de Comunicação da UFSM, que rege a Rádio Universidade.

Ao mesmo passo que essa geração de “radareanos” sentia que algo novo precisava ser criado, o time de futebol americano da cidade se estruturava e surgia como um potencial expoente do esporte da cidade. Como coincidência a isso, alguns membros dessa geração do Projeto tinham certa aproximação com o esporte de raízes americanas. Com isso, em uma das reuniões semanais de pauta surgiu a ideia de transmitir os jogos do Santa Maria Soldiers, no final do ano de 2015.

Depois do amadurecimento da ideia, iniciou-se a batalha em busca de apoio para que as transmissões fossem viáveis e possíveis. Em um primeiro momento, buscou-se o contato com a direção da Rádio Universidade, na pessoa do servidor Renato Leonardo Molina, que mostrou total apoio ao projeto e se colocou à disposição para colaborar

com a proposta. Molina ficou também com a responsabilidade de diagnosticar as condições técnicas da Rádio para transmissões, visto que transmissões não eram feitas há anos.

Após as burocracias administrativas terem sido resolvidas, começamos a pensar na dinâmica de cobertura radiofônica que seriam empregadas nas jornadas, pois não se tinha conhecimento de transmissões radiofônicas convencionais de jogos de futebol americano. O debate em torno de um conjunto de técnicas de transmissão ocorreu durante algumas semanas. A partir disso, definiu-se que a última partida da Liga Nacional de 2015, segunda divisão do Campeonato Brasileiro, seria a primeira a ser transmitida, como uma espécie de experimentação.

Esbarrou-se em alguns problemas técnicos, como por exemplo, a falta de sinal de internet, algumas dívidas da UFSM com a operadora de telefone, falta de equipamentos, pois a novidade era para os sonoplastas também. Mas a partir dali se estabeleciam as jornadas esportivas radiofônicas no futebol americano. Detalhes foram ajustados e a partir do Campeonato Gaúcho de 2016 as transmissões deslancharam, sendo realizadas, até hoje, pela Rádio Universidade no AM e na UniFM 107,9. Vale ressaltar que as transmissões sempre envolvem o time da cidade: o Santa Maria Soldiers.

A formatação da equipe para uma jornada esportiva se dá da seguinte forma: um narrador, um comentarista, dois repórteres de campo, um repórter de torcida, um repórter fotográfico, dois plantonistas e um responsável pelas redes sociais, além de um técnico de externas no estádio e um técnico no estúdio da Rádio. Vale ressaltar que, com exceção dos técnicos do Núcleo de Rádios da Universidade Federal de Santa Maria, todos são acadêmicos de Comunicação Social da UFSM.

O objetivo desse Projeto Experimental é mostrar como a reportagem de campo é realizada em um jogo de futebol americano. A partir de algumas lógicas das transmissões de futebol, adaptações precisaram ser adotadas devido à especificidade da modalidade esportiva em questão. Rotinas de produção específicas precisaram ser adotadas para que se tenha uma maior clareza na transmissão das ações no esporte. A principal delas é a maior descrição das jogadas, pois por se tratar de um esporte diferente da prática esportiva que o público está acostumado a ouvir no rádio, a visualização precisa ser facilitada pela equipe de transmissão, cativando esse ouvinte que cada vez mais vai se tornando um apaixonado por essa modalidade.

O jogo a ser descrito aconteceu no dia 1º de Julho de 2018, no Estádio Presidente Vargas, que pertence ao Esporte Clube Internacional, em Santa Maria, entre as equipes do Santa Maria Soldiers e do Porto Alegre Gorillas. A partida foi uma das mais decisivas para o time da cidade de Santa Maria, pois valia o título do Campeonato Gaúcho de Futebol Americano 2018.

A escolha pela descrição de apenas uma partida se deu pelo fato de as rotinas produtivas de uma transmissão de futebol americano no rádio manterem a mesma estrutura. Por isso, a partida de maior relevância transmitida no ano de 2018 foi a escolhida.

Porém, uma transmissão não começa apenas no dia do jogo. Produções de entrevistas e matérias sobre o jogo durante a semana são cruciais para o bom andamento e o sucesso da jornada esportiva.

3.1. O Pré-Jogo

Os primeiros passos para que a transmissão de um jogo de futebol americano aconteça nas emissoras públicas da Universidade Federal de Santa Maria são as burocracias necessárias envolvendo a própria Coordenadoria de Comunicação Social da UFSM. Com pelo menos duas semanas de antecedência, o contato com a direção da Coordenadoria é feito por um dos acadêmicos envolvidos na transmissão para que se possa garantir a presença de técnicos à disposição no dia do jogo e também a solicitação ao setor de transportes da instituição para assegurar que os equipamentos chegarão ao Estádio horas antes do início da partida. Esse contato é feito por e-mail e posteriormente confirmado todas as principais informações pessoalmente na Secretaria da Coordenadoria de Comunicação da UFSM.

Feito isso, aqui começa de fato o trabalho do repórter de campo – objeto do texto – que precisa apurar todas as informações acerca da partida. Como as partidas são praticamente em sua totalidade disputadas aos finais de semana, na terça – feira é realizada a reunião de pauta entre os acadêmicos participantes da jornada no fim de semana.

O primeiro passo da reunião de pauta é definir a escala com as funções a serem executadas por cada componente do Projeto. A decisão é sempre feita de forma horizontal e precisa ser de comum acordo entre a equipe. É decidido quem será o

narrador, quem será o comentarista, quem serão os repórteres de campo, quem será o repórter de torcida e quem serão os plantonistas. Na reunião também se define quem será o acadêmico responsável pelo álbum de fotos da partida e o acadêmico responsável pelos materiais a serem veiculados nas redes sociais do Radar Esportivo.

Após esse primeiro momento, a equipe passa a fazer uma troca de conhecimentos acerca da partida, para que se tenha um nivelamento de conhecimento entre todos. Pontos fortes e pontos fracos da equipe adversária, histórico de confrontos, curiosidades envolvendo o jogo, destaques individuais são alguns dos assuntos a serem debatidos nessa etapa da preparação para a transmissão do confronto.

Passada a reunião de pauta, o repórter já começa a apuração das informações a serem usadas durante o pré-jogo e durante a partida. É de incumbência dos repórteres o contato com o presidente, treinador ou algum jogador notável que participará da partida para a produção de sonoridades para serem rodadas durante o pré-jogo. Neste contato, que pode ser feito por ligação telefônica ou por meio de mensagens de áudio via WhatsApp, é feita também a apuração de informações envolvendo o time adversário do Santa Maria Soldiers. É neste momento que os repórteres colhem o máximo de informações e curiosidades, como se há ou não desfalques, retorno de algum jogador importante, estreia de atletas, que serão utilizadas na partida, bem como é também o momento de solicitar a lista com o nome e número de camisa que será usado pelos atletas no jogo.

Outro momento crucial para o repórter, na semana que antecede a partida, é a análise de vídeo. Consta no regulamento dos campeonatos disputados tanto em nível estadual quanto em nível nacional que a equipe mandante da partida tem até 72 horas após o término da partida para postar na plataforma YouTube o vídeo do jogo completo. Com esse vídeo, as equipes podem se estudar melhor e planejar um plano de jogo mais eficaz para derrotar o adversário. Mas esse vídeo não é utilizado apenas pelas equipes. Os repórteres também se fazem valer deste vídeo para apurar importantes informações que serão de grande valia no decorrer da jornada esportiva.

O vídeo permite que o repórter analise o jogo de ambas as equipes e colha dados como: nome e número dos jogadores que mais participam do jogo, jogadas mais utilizadas e estilo de jogo. Com as informações que foram apuradas no vídeo mais a apuração feita direto com os atores do jogo, o repórter monta a sua participação no pré-jogo dando a sua primeira visão da partida.

No dia do jogo, algumas tarefas precisam ser feitas antes que a partida comece. A equipe se reúne no final da manhã no Prédio da Reitoria, onde se situam as emissoras

públicas da UFSM para que se recolha o material a ser utilizado na Jornada Esportiva. De lá parte a equipe com destino ao Estádio Presidente Vargas. Chegando no Estádio, é hora de montar os equipamentos e realizar todos os testes necessários, tarefa esta que fica a cargo do técnico de externa. Com os equipamentos montados e testados, é hora de aguardar o momento de abrir a Pré-Jornada.

A Pré-Jornada Esportiva vai ao ar, geralmente, uma hora antes da partida ter seu início. Na partida que estamos descrevendo, a disputa estava marcada para iniciar às 14 horas da tarde e a Pré-Jornada foi ao ar às 13 horas e 03 minutos.

A apresentação da Pré-Jornada que antecede a partida fica a cargo de um dos plantonistas que exerce sua função nos estúdios, no décimo andar da Reitoria da Universidade. A opção pela apresentação desta Pré-Jornada direto dos estúdios é uma iniciativa preventiva contra problemas técnicos que possam vir a acontecer. Sendo assim, ocorrendo qualquer falha nos equipamentos, os plantonistas assumem o controle da jornada até que os problemas estejam totalmente resolvidos.

Iniciada a Pré-Jornada. A equipe nesta jornada foi composta por: Jonas Freitas Faria na narração, Janaína Wille nos comentários, Mateus Leite Rossato e Jonatan Mombach como repórteres de campo, Karoline dos Santos como repórter de torcida, Gabriel de David e Luã Santos no plantão e redes sociais. Em um primeiro momento, o repórter plantonista se apresenta e introduz a partida que acontecerá logo a seguir e dá um panorama sobre o mundo do esporte naquele dia. Na sequência, o apresentador faz o primeiro contato com o Estádio Presidente Vargas, onde os repórteres dão seus primeiros destaques da partida. Como são sempre dois repórteres de campo, cada um fica responsável por um dos dois times em seus destaques. Logo após, é chegada a vez da repórter de torcida dar os primeiros destaques acerca da movimentação no estádio e informações de bilheteria.

Após a primeira aparição dos repórteres, os materiais apurados pelos mesmos são veiculados. No jogo analisado, o acadêmico Felipe Backes produziu dois conteúdos. O primeiro se trata de uma reportagem lembrando o confronto entre as duas equipes, que havia acontecido no ano anterior. Já no segundo, Felipe Backes traz a história dos títulos conquistados pelo Santa Maria Soldiers. Entre um material e outro, os repórteres estão habilitados a chamar a qualquer momento para dar novas informações apuradas junto ao campo de jogo. Nesta oportunidade, o repórter Mateus Rossato chama os plantonistas para dar uma informação apurada junto ao campo de jogo. *“Gabriel, me ouve? Uma informação importante de última hora. Vinicius Zanon fora da partida! Por*

motivos profissionais, está em viagem, não está em Santa Maria, portanto está fora do jogo de hoje!”

Na sequência, entra em ação a comentarista Janaína Wille da partida que analisa todas as informações trazidas pela reportagem e faz seus primeiros comentários. Após isso, mais uma rodada de inserções dos repórteres acontece trazendo as informações mais importantes quando o início do jogo se aproxima. Jonatan Mombach: *“Quanto aos touchdowns marcados pelo Gorillas, que foram 14 durante essas cinco partidas, realmente o jogo aéreo predomina. Nove foram com jogadas de passe e apenas dois de jogo corrido.”* Mateus Rossato: *“Todo mundo aquecendo, todo mundo se equipando para ir ao campo e iniciar seus aquecimentos específicos.”* Nestas inserções, a descrição dos detalhes dos acontecimentos é crucial para que se crie uma atmosfera do jogo para ser transmitida aos ouvintes.

3.2. O Jogo

Fim de Pré-Jornada. Neste momento o narrador da transmissão assume seu posto e o comando da Jornada Esportiva. Em sua primeira ação, o narrador chama mais uma rodada de inserções dos repórteres junto ao campo de jogo. Como a partida chega mais próximo da hora do seu início, as informações precisam ser mais sucintas e pontuais. Logo após, a comentarista da partida faz sua análise final antes do jogo começar.

A bola voa! Inicia a partida no Estádio Presidente Vargas. E, com isso, é o momento de os repórteres voltarem toda a sua atenção para o campo de jogo, pois é tarefa do repórter trazer para a sua audiência momentos que só podem ser vistos por quem está próximo aos atores dos acontecimentos.

Conforme as jogadas vão acontecendo, é de incumbência dos repórteres fazer uma descrição com a maior quantidade e qualidade de detalhes possíveis, uma das principais particularidades das transmissões de futebol americano, para que a audiência possa ter uma noção maior da jogada que acabou de acontecer. Assim, com a narração do lance em tempo real mais a descrição da jogada por parte do repórter, a visualização da jogada por parte do ouvinte fica muito mais completa.

Mateus Rossato: *“Excelente tentativa de corrida do camisa 22, Wesley Rocha, tentou a corrida pelo meio e avançou três jardas. Dali adiante nada aconteceu, segunda para sete da equipe do Gorillas.”* Aqui se salienta a descrição de três pontos fundamentais da jogada que precisam ser relatados: o protagonista da ação (o camisa 22,

Wesley Rocha), como se deu a jogada (tentativa de corrida pelo meio) e o resultado da jogada (avanço de três jardas).

No começo do jogo, a equipe do Santa Maria Soldiers conseguiu marcar a pontuação máxima do futebol americano, o touchdown, porém uma flanela amarela lançada pela arbitragem indicou que havia uma falta na jogada. Este é um exemplo de situação em que o repórter precisa agir com rapidez. O repórter precisa ficar atento à sinalização do árbitro, que neste caso marcou falta para a equipe portoalegrense e confirmou a pontuação para a equipe de Santa Maria. Com isso, é papel do repórter informar ao narrador que a pontuação estava confirmada.

Mateus Rossato: *“Tackle do João Chelotti, camisa número 59, que soltou essa bola e quem catou lá embaixo foi o Maurício Faé e teve falta do Gorillas. Touchdown confirmado, Jonas!”* Nesta oportunidade o repórter precisa estar atento, pois enquanto a descrição da jogada era feita, o árbitro confirmava a falta para a equipe do Gorillas e a pontuação para o Santa Maria Soldiers, tudo ao mesmo tempo.

Outra tarefa em que o repórter tem que agir é na explicação das faltas marcadas pela arbitragem. Como se trata de um esporte que ainda não tem toda a popularidade que o futebol tem, a necessidade da elucidação é ainda maior para que o ouvinte entenda cada vez mais e se mantenha na audiência.

Mateus Rossato: *“Teve false start do Gorillas, ou seja, uma saída falsa. Recua 5 jardas e novamente vai pro punt o Alexandre.”*

A interação com os torcedores presentes no estádio também é fundamental para dar leveza e criar a atmosfera da partida. Para isso, um repórter é designado para esta função. O repórter em questão fica localizado junto às arquibancadas do estádio e periodicamente, ao ser chamado pelo narrador, traz a palavra da torcida acerca do que acontece no jogo.

Karoline dos Santos: *“Qual é o seu nome? [...] O que você está achando da partida?”*.

Como o futebol americano é um esporte que se baseia na conquista de território, é importante que o repórter sempre situe o ouvinte em relação ao espaço. Assim, o espectador consegue ter uma noção maior dos acontecimentos da partida e onde eles se situam no campo de jogo. Diferentemente do futebol tradicional, onde não se fala a todo o tempo o exato ponto em que a jogada está, no futebol americano é preciso que se fale frequentemente em qual jarda o ataque se encontra, situando o ouvinte no campo e jogo.

Mateus Rossato: *“Wesley Rocha, camisa número 22, que tentou receber essa bola para*

fazer o retorno. Mas ela escorregou pela sideline, quase que o Soldiers conseguiu recuperar a bola. Foi por pouco! O drive ofensivo da equipe do Gorillas começa próximo à linha de 20 jardas.”.

Jonatan Mombach: “*É, novamente ele, Wesley Rocha, o principal running back da equipe do Gorillas. Não conseguiu um bom avanço, belo tackle do linebacker do Soldiers*”. Nesta ação do repórter, fica evidenciada a presença de expressões muito próprias da modalidade, como *running back, tackle e linebacker*. Esse é um desafio para o repórter, que precisa ter um conhecimento especializado da modalidade para ter a possibilidade de informar com clareza.

A irreverência e a descontração também são marcas frequentes nas interações entre os atores da jornada. O jogo de futebol americano tem cerca de 3 horas de duração, então é fundamental que a transmissão seja leve para que não se torne cansativa aos ouvintes. Porém, essas “brincadeiras” precisam ser medidas para que não se perca a seriedade e o compromisso da verdade com o ouvinte. Na oportunidade, o árbitro da partida acabou caindo no gramado devido ao lamaçal que se formou. Com esse acontecimento inusitado, apareceu a oportunidade de se fazer uma brincadeira, em que a comentarista da partida Janaína Wille sugeriu a substituição do árbitro por um dos repórteres de campo. Janaína Wille: “*Se o árbitro tiver que sair, o Rossato pode assumir tranquilamente.*” Mateus Rossato: “*Pagando bem, que mal tem?*”.

Conforme o jogo vai transcorrendo, é de responsabilidade da reportagem de campo estar sempre atenta, periféricamente. Acontecimentos fora das quatro linhas do campo que mereçam uma atenção precisam ser informados, e só quem está próximo e junto ao campo é que tem condições de informar de forma completa e correta. Um atleta do Porto Alegre Gorillas acabou sofrendo uma lesão, que não se sabia de que gravidade se tratava. É de responsabilidade do repórter captar essa informação e transmitir para a audiência. Mateus Rossato: “*Confirmando a lesão do atleta do Gorillas. Se trata de uma fratura da tibia!*”.

E chega a hora do intervalo. Nesta parada, é de responsabilidade dos repórteres buscar os destaques da primeira etapa para entrevistas. Essa tarefa não é muito fácil, pois os atletas geralmente saem rápido do campo de jogo em direção aos vestiários. Porém, é papel do repórter ter a astúcia de conseguir captar a mensagem e a análise dos jogadores ou treinadores das equipes. Mateus Rossato: “*Eu estou aqui com o Faé, autor do primeiro touchdown da partida. Uma recuperação de fumble no primeiro drive da*

partida. Tu que é um jogador de defesa e não costuma pontuar muito, mas já conta com dois touchdowns no campeonato. Uma análise deste primeiro tempo, Soldiers 14 a 0.”

A volta para o segundo tempo geralmente é marcada por ser um pouco mais lenta. O desafio da equipe de transmissão é de conseguir manter o interesse dos ouvintes e consequentemente não perder audiência. Com isso, o narrador da partida utiliza de artifícios, como por exemplo, aumentar a interação com o repórter de torcida, que traz a palavra do torcedor.

No último quarto de jogo, por se tratar de uma final, a equipe da casa que já tinha uma vantagem de 14 pontos acaba por arriscar menos e levar o jogo de forma tranquila até seu final. Neste caso, a reportagem acaba não tendo muito trabalho. Porém, esta é uma fase em que a equipe precisa trazer a emoção para a transmissão por se tratar de uma final. Mateus Rossato: *“O Santa Maria Soldiers caminha a passos largos para a conquista de mais um título estadual!”*.

No finalzinho da partida, a equipe de Porto Alegre que via o final da partida cada vez próximo acabou arriscando tudo e sofreu mais dois touchdowns, as pontuações máximas do Futebol Americano.

Com isso, o clima de festa foi tomando conta do estádio. Assim, nas descrições da reportagem após cada jogada, as menções acerca do título do Santa Maria Soldiers já aconteciam, muito pelo fato de a imensa maioria da audiência ser de torcedores da equipe do centro do Estado.

Apita o árbitro! Final de partida. O jogo se encerra com o placar de 28 pontos para a equipe do Santa Maria Soldiers e 00 para o Porto Alegre Gorillas. Porém o trabalho da equipe de reportagem ainda não chegou ao seu final. Hora de Pós-Jogo.

3.3. O Pós-Jogo

Após o final de partida, é hora da reportagem de campo buscar a palavra dos protagonistas do espetáculo. A primeira análise foi do treinador da equipe do Santa Maria Soldiers. Logo após, foi feita a votação do MVP (Most Valuable Player, Jogador Mais Valioso) da partida.

Na sequência, as entrevistas seguem com os atletas personagens da partida. E uma dessas entrevistas é sempre com o MVP da partida que recebe uma premiação da equipe de transmissão, proporcionada por um dos apoiadores culturais do Núcleo de Rádios da Universidade Federal de Santa Maria. Mateus Rossato: *“Tô aqui com o Faé,*

eleito pela nossa equipe como o destaque do jogo de hoje, vai receber a nossa premiação. Faé, tu que esteve lesionado durante toda a temporada passada, qual é o sentimento de conquistar mais um título com a equipe do Santa Maria Soldiers?''.

Com isso, os trabalhos da equipe de reportagem vão chegando ao seu final. Uma última análise é feita, assim como o agradecimento e a despedida da jornada esportiva, que segue com os plantonistas até chegar ao seu fim.

4. Considerações Finais

Desde o início da trajetória do pesquisador no curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSM, a aproximação com o rádio e com o esporte sempre esteve presente. No primeiro semestre do curso, já participava do Projeto de Extensão do Radar Esportivo na Rádio Universidade, onde permaneceu até o final do curso.

O esporte sempre foi a maior paixão desde a infância deste acadêmico. Ficar por horas e horas na frente da televisão assistindo qualquer que fosse o esporte era corriqueiro. Inclusive, a escolha pelo jornalismo se deu na esperança e no objetivo de transformar o esporte em profissão. Afinal, nada é melhor do que trabalhar com o que mais gosta.

Por volta do ano de 2014, foi lhe apresentado um novo esporte: o futebol americano. A partir deste dia, o futebol da bola oval ganhou espaço no seu dia-a-dia e aos poucos se tornou uma paixão.

Ao entrar no curso de Comunicação Social – Jornalismo, a primeira coisa a ser buscada foi por onde se falava de esportes na UFSM. Foi aí que o Radar Esportivo começou a fazer parte da trajetória deste acadêmico.

Depois de entrar no Projeto, lhe foi apresentado o Programa Planeta Oval, com uma hora semanal debatendo tudo sobre os esportes da bola oval: o rugby e o futebol americano. A partir daí, o esporte nunca mais deixou de fazer parte da trajetória do acadêmico.

No final do ano de 2015, iniciaram as transmissões de futebol americano na Rádio Universidade, comandadas pela equipe do Radar Esportivo. Desde lá foi se criando uma vontade de levar esse Projeto para além, apresentar para a comunidade acadêmica.

Com esse Projeto Experimental foi possível descrever e exemplificar brevemente rotinas produtivas muito próprias que precisaram ser adaptadas de

transmissões tradicionais de futebol para um maior entendimento e fidelização com as jornadas.

Em uma transmissão radiofônica de futebol americano, a necessidade de uma maior descrição das jogadas é a principal marca. Além da especificidade da modalidade, a duração da partida é mais um desafio para os repórteres: são mais de três horas no ar.

Enquanto no futebol bretão, a reportagem entra em ação em momentos específicos, geralmente quando acontece algo que foge ao natural no decorrer do jogo, no futebol americano a presença dos repórteres é mais frequente. Por se tratar de um esporte de muito contato, algumas ações do jogo não são possíveis de serem visualizadas das cabines em que o narrador e o comentarista realizam seus trabalhos. Com isso, a necessidade de se contar com um repórter próximo ao campo de jogo, podendo ver com mais clareza as ações se transcorrendo, é muito maior.

Assim, com este estudo, buscou-se apresentar como inovação para o campo do jornalismo um novo modo de se reportar as ações junto ao campo de jogo em uma partida de futebol americano transmitida no rádio.

Fica aqui um sentimento de dever cumprido e felicidade em ter feito parte de um projeto tão rico e acolhedor. Vida longa às Jornadas Esportivas! Vida longa ao Radar Esportivo!

5.Referências Bibliográficas

ABREU, João Batista de. **As transformações técnicas e de conteúdo no radiojornalismo a partir das inovações tecnológicas.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. Anais... São Paulo: Intercom, 2003.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo. Paulinas, 2003.

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **Reportagem Radiofônica: As Possibilidades do Vivo e do Diferido na Construção de um Rádio Informativo Diferenciado.** 2006. 15 f. Artigo (Jornalista)- Universidade Estadual de Londrina, [S.l.], 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/110766458372748107998047908334936335537.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo.** [S.l.]: Contexto, 2003. 120 p.

FERRARETTO, L. A. **Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21.** In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. 30º Congresso Brasileiro de Comunicação. Santos, 1º set. 2007. 15f. Texto apresentado no Núcleo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora.

_____. **Rádio: teoria e prática.** São Paulo: Summus, 2014. 272p.

FUNK, D.FSD. **History Flashback. November 6, 1869** Disponível em: <http://bleacherreport.com/articles/78500-fsd-history-flashback-november-6-1869>.

Acesso em 25/09/18

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda – Convergência digital e novos desafios na radiodifusão.** Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

_____. **Rádio social – Mapeando novas práticas interacionais sonoras.** In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2011, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2011.

LAGE, Nilson. **Reportagem : teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** 9 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica.** 301 f. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas, UFBA, Salvador, 2009.

MALULY, Luciano Victor Barros. **O Futuro do Jornalismo Esportivo no Brasil – As lições dos Jogos do Rio e de Pequim.** 2009. 12 p. Artigo (Doutorado em Ciências da Comunicação)- ECA-USP, [S.l.], 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1726-1.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

MESSA, Fábio de Carvalho. **Jornalismo esportivo não é só entretenimento.** 2005. 8 p. Artigo (Jornalista)- Comunicação Social da Faculdade Estácio de Sá de SC, [S.l.], 2005. Disponível em: <<http://www.fnnpj.org.br/dados/grupos/jornalismo-esportivo-nao-so-entretenimento%5B169%5D.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O rádio na era da convergência das mídias.** Editora UFRB, 2012.

Anexo: CD

Contém o áudio completo da transmissão do jogo entre o Santa Maria Soldiers e o Porto Alegre Gorillas.